

O mundo literário e as proposições imodificáveis – a morte em *A Mulher que matou os peixes**

Gabriela Fujimori da Silva**

Resumo

Objetiva-se neste trabalho realizar uma análise do modelo imaginário de verdade na obra literária *A mulher que matou os peixes*, obra de Clarice Lispector, bem como a relação narrador, texto e leitor. O estudo fundamenta-se principalmente na fortuna crítica de Umberto Eco e Antonio Candido. Enfoca-se a função da literatura quanto à projeção do leitor no texto imaginário e o processo de leitura pelo qual o leitor realiza um trabalho ativo. Para tanto, analisamos o conteúdo e a estrutura do texto em questão na busca de indicativos que se aproximam das proposições imodificáveis no mundo literário, a posição do narrador e a representação do sujeito.

Palavras-chave

Literatura; imaginário; verdade; Clarice Lispector.

Abstract

This paper aims to develop an analysis of the real imaginary model in the literary work *A mulher que matou os peixes*, written by Clarice Lispector, and the relation between narrator, text and reader. The study is mainly based on the critical studies of Umberto Eco and Antonio Candido. It focuses on the function of the literature regarding the reader's imaginary projection in the text and the reading process by which the reader performs an active work. To this end, we analyzed the content and structure of the text in question in pursuit of indicative approaching the unmodifiable propositions in the literary world, the position of the narrator and the representation of the subject.

Keywords

Literature; imaginary; verity; Clarice Lispector.

* Artigo recebido em 31/07/2017 e aprovado em 12/11/2017.

** Aluna de mestrado no Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários da UEM.

O mundo da literatura é tal que nos inspira a confiança de que algumas proposições não podem ser postas em dúvida; que ele nos oferece, portanto, um modelo imaginário tanto quanto se quiser, de verdade.

Umberto Eco

Introdução

Ao falarmos sobre a definição de literatura estamos imersos num amplo âmbito de possibilidades, significados que foram sendo questionados ao longo da história. É certo que a literatura muito enfrentou de oposição, sempre questionada quanto à sua validade, utilidade e até mesmo sobre a má influência que poderia exercer e assim corromper as pessoas e criar maus costumes.

Segundo o escritor, crítico literário, sociólogo e professor Antônio Cândido, “A literatura é uma atividade sem sossego. Não só os ‘homens práticos’, mas os pensadores e moralistas questionam sem parar a sua validade, concluindo com frequência e pelos motivos mais variados [...]. Isto faz com que a literatura quase nunca tenha consciência tranquila e manifeste instabilidades e dilaceramentos, como tudo que é reprimido ou contestado” (CANDIDO, 2003, p. 82, grifo do autor).

Para ele, a literatura não tem um caráter mecanicista de representação. Referenciando Sainte-Beuve, observa que “o poeta não é uma resultante, nem mesmo um simples foco refletor; possui o seu próprio espelho, a sua mônada individual e única” (CANDIDO, 2000, p. 28). Nesse sentido, toda realidade é transformada, porque o poeta combina e cria antes de devolver sua obra à realidade.

Há também o perceber da literatura como aquela que, antes de tudo, mantém em exercício a língua, sendo ela receptiva às proposições do texto literário. Assim observa Humberto Eco, que aponta ainda o objeto literário como um poder imaterial, ou seja, que não são “avaliáveis a peso, mas que de alguma forma pesam” (ECO, 2003, p. 9).

Vejamos: a tradição literária envolve os textos que são produzidos com uma finalidade diferente, não para fins práticos como ocorre com relatórios e registros de fórmulas científicas, mas sim, “*gratia sui*, por amor de si mesma – e que se leem por deleite, elevação espiritual [...] sem que ninguém nos obrigue a fazê-lo” (ECO, 2003, p. 10).

Humberto Eco afirma não ser idealista a ponto de pensar que a literatura poderia trazer alívio às inúmeras pessoas que vivem na miséria. Contudo, segundo o autor, o universo dos livros poderia soar ecos de valores àqueles que cometem atrocidades. Da

mesma forma, Antonio Candido aproxima-se dessa visão ao abordar o que ele nomeia literatura social. Além do aspecto da literatura trazer em si o conhecimento manifesto de forma latente, o crítico aponta que há situações em que existe intencionalidade, envolvendo o planejamento por parte do autor e consciência na assimilação que é feita pelo leitor. Nesses textos, o autor “injeta as suas intenções de propaganda, ideologia, crença, revolta, adesão etc” (CANDIDO, 1995, p. 249).

Uma das vertentes que se dá partir da década de 60 no que tange o olhar sobre a literatura, volta-se para a análise da relação entre literatura e leitor, tornando-se o ponto de discussão, já que o texto só existiria a partir do ato de leitura, e a significação propiciada através da interpretação. Nesse sentido, a relação entre autor-texto-leitor será amplamente analisada por teóricos, como Escarpit e Chartier e no Brasil, por Antônio Candido, o qual vê essa tríade como elemento fundamental para a caracterização das condições em que a literatura pode existir.

Candido fala sobre a dupla influência, numa perspectiva de que a obra influencia o leitor, o leitor por sua vez influencia o autor e, conseqüentemente, exerce também influência sobre as obras. A literatura é,

pois, um sistema vivo de obras, agindo umas sobre as outras e sobre os leitores; e só vive na medida em que estes a vivem decifrando-a, aceitando-a, deformando-a. A obra não é produto fixo, unívoco ante qualquer público; nem este é passivo, homogêneo, registrando uniformemente o seu efeito. São dois termos que atuam um sobre o outro, e aos quais se junta o autor, termo inicial desse processo de circulação literária, para configurar a realidade da literatura atuando no tempo (CANDIDO, 2000, p. 83)

Expandiu-se o conceito de literatura, repensou-se também a significação da palavra leitura. Antes era restrita decifração, decodificação de letras, ligada à textualidade para a interpretação de uma obra. Contudo, a partir do século XX, o campo dos estudos literários passou a tematizá-la e as noções de leitor foram redimensionadas, visto como peça fundamental no processo de leitura, uma vez que a arte, segundo Candido (2000), tanto é influenciada pela sociedade quanto a influencia.

Na perspectiva do texto literário em que o autor intencionalmente assume posicionamento diante de uma situação, para Candido, resulta-se em uma literatura empenhada. O autor exprime suas convicções e manifesta-se criticamente. “Nestes casos a literatura satisfaz, em outro nível, à necessidade de conhecer os sentimentos e a sociedade, ajudando-nos a tomar posição em face deles” (CANDIDO, 1995, p. 249).

O ato da leitura configura-se como o processo pelo qual o leitor realiza um trabalho ativo de compreensão e interpretação do texto, a partir de seus objetivos, de seu

conhecimento sobre o assunto, sobre o autor, de tudo que se sabe sobre a linguagem, etc. Não se trata de um processo decodificativo, mas de uma atividade que implica estratégias de seleção, antecipação, inferências e verificação.

Assim, objetiva-se neste trabalho analisar na obra literária *A mulher que matou os peixes*, de Clarice Lispector, o modelo imaginário de verdade possibilitado no texto e a relação narrador, texto e leitor. Pretende-se refletir a abordagem da temática da morte em uma obra infanto-juvenil e as possíveis considerações quanto as proposições e a relação que se dá com o leitor.

Clarice Lispector

A autora da obra, Clarice Lispector (1920-1977), é uma escritora incontestavelmente consagrada na escrita literária para adultos e crianças. Sua primeira obra, *Perto do coração selvagem*, fora lançada em 1944 e pelas suas características peculiares que rompiam com os paradigmas narrativos da época, teve grande repercussão. Os textos da escritora são tidos como referência na literatura de autoria feminina, sendo traduzidos para diversas línguas e adaptados para o teatro e obras cinematográficas.

Em torno de Clarice foi se criando um ar de mistério, seja pela intensidade e subjetividade de sua escrita ou sua personalidade introspectiva, acentuando-se pelo gosto de manter-se em discrição. Resultante a esses fatores, despertou-se a curiosidade das pessoas e a crítica fora igualmente atraída. Isso resultou em inúmeros estudos sobre sua obra, bem como livros de estudos biográficos, lançados após a morte da escritora.

Antônio Candido foi o primeiro crítico brasileiro a se pronunciar sobre Lispector, e em entrevista cedida à Revista Cult, o crítico literário diz ter enxergado na escritora, já de início, uma promessa que se confirmara: “[...] reconheço em mim um pouco dos requisitos mencionados, que me permitiram, por exemplo, reconhecer imediatamente o valor de três estreantes desconhecidos: João Cabral, Clarice Lispector, Guimarães Rosa” (Revista CULT, Edição 61. 03/2010).

De origem ucraniana, veio para o Brasil com a família quando criança. Morou em Alagoas, Pernambuco, Rio de Janeiro. Marcou a literatura brasileira pelo seu estilo narrativo muito peculiar, a epifania presente nos textos e o monólogo interior, em que se percebe a relação do sujeito com a realidade que o circunda. Sobre essa sutileza poética e habilidade com as palavras que, novamente cabe ressaltar crítica de Antônio Cândido sobre os textos de Lispector: “Soube transformar em valores as palavras nas quais muitos

não veem mais do que sons ou sinais. A intensidade com que sabe escrever e a rara capacidade da vida interior poderão fazer desta jovem escritora um dos valores mais sólidos e, sobretudo, mais originais da nossa literatura [...]” (CÂNDIDO, 1977, p. 131).

A morte dos animais

A mulher que matou os peixes chama-nos a atenção quando na comparação com a maioria de outras histórias infantis. Apesar de, a princípio parecer-se com tantas outras narrativas destinadas às crianças, com uma linguagem peculiar e atuação de animais, por outro lado, Clarice emerge da zona de fantasia e trabalha as temáticas de perda e morte de forma realística.

A posição do narrador é de extrema aproximação com o leitor. Diferente dos romances tradicionais em que era fundamental o distanciamento estético do narrador, nesta história há um diálogo com aquele que lê, exigindo do leitor interação com o texto. Ao leitor ocorre o que observa o crítico Adorno ao falar sobre o romance contemporâneo. Ele é “ora deixado do lado de fora, ora guiado pelo comentário até o palco, os bastidores [...] Por meio de choques ele destrói no leitor a tranquilidade contemplativa diante da coisa lida” (ADORNO, 2003, p. 61).

A sintaxe narrativa de *A mulher que matou os peixes* envolve uma mulher que, responsável por dois peixinhos de estimação de seus filhos, deixa-os morrer. Cria-se um diálogo com o leitor na busca de convencê-lo de que a mulher não é má pelo ocorrido e que merece o perdão dos que passam a conhecer a história.

A estrutura textual e a linguagem caracterizam-se por frases curtas, diretas e acessíveis às crianças: “[...] minha casa tem bichos naturais. Bichos naturais são aqueles que a gente não convidou nem comprou. Por exemplo, nunca convidei uma barata para lanchar comigo”. (LISPECTOR, 1983, p. 8). Nota-se um texto claro e objetivo, o qual direciona-se à leitura de um público infantil, que é convocado a um diálogo com a narradora, que se mostra preocupada em ser perdoada pela falha cometida, ao mesmo tempo que evidencia como a morte é algo inevitável.

A questão principal é colocada em jogo, a narradora matou os peixinhos e não há o que fazer para reverter a situação. Ela tenta conseguir o perdão dos leitores ao final do livro, elaborando uma série de pequenas narrativas que revelam sua relação com outros animais, nas quais a experiência da morte se faz presente, de forma inevitável e dolorosa, mas como parte inseparável da vida desses bichinhos.

Na primeira parte, são apresentados os bichos que aparecem *do nada*, sem serem convidados: a rata Maria de Fátima, que foi devorada por um gato; as baratas que foram dedetizadas; a lagartixa e o mosquito, todos bichos que não são bem-vindos nas casas das pessoas. Na segunda parte, são as histórias dos bichos convidados ou comprados, tais como o peixinho e o cachorro, que são normalmente acolhidos pelos seres humanos.

Outrossim, Clarice Lispector cria na narrativa uma proximidade entre o animal e o ser humano, na perspectiva de uma questão identitária, de reconhecimento do homem no animal e vice-versa. “-‘Você sabe, mamãe, que você se parece muito com Lisete?’- Se vocês pensam que eu me ofendi porque me parecia com Lisete, estão enganados. Primeiro, porque a gente se parece mesmo com um macaquinho; segundo, porque Lisete era cheia de graça e muito bonita” (LISPECTOR, 1983, p. 34). Ou ainda, ao falar sobre um dos cachorros que passou por sua vida: “Dilermando era quase tão inteligente como uma criança de dois anos” (Lispector, 1983, p. 10).

Nesse sentido, a reflexão sobre a temática da morte que perpassa os relatos da narradora, parte da vida/morte dos animais, contudo, suscita o reconhecimento do ser humano, nas ações que se desencadeiam e que refletem a própria vivência humana. Todas as pequenas histórias, que compõe a argumentação da narradora para ser perdoada da morte dos peixinhos, levam à separação ou morte dos animais.

A morte dos peixinhos é apresentada e junto a ela, a impossibilidade de reverter a situação. Assim como os animais não queridos morreram em situações diversas, inclusive em situações planejadas, como no caso das baratas que foram dedetizadas, aqueles considerados com maior apreço também não puderam escapar à morte, que aparece como algo que é natural e faz parte da existência de todos.

Modelo imaginário de verdade

Na maioria das narrativas infantis há um encantamento ao se falar da morte. Dificilmente o foco é a finitude, dando-se prioridade a outros acontecimentos. Porém, quanto ao fim inevitável, os eufemismos são normalmente usados. Em *A mulher que matou os peixes* isso não ocorre. A morte acontece aos animais e a narradora demonstra a impossibilidade de evitar que isso aconteça, conduzindo as situações de maneira em que se firmam, no caso da morte dos animais de estimação - aqueles que são queridos às pessoas - a dor, o sofrimento da perda e, a necessidade de prosseguir com o aceitamento da morte.

Nesse sentido, a leitura nos obriga a uma espécie de fidelidade e respeito quanto à interpretação do texto literário, visto que possivelmente seria natural a negação de uma criança, diante da morte dos peixinhos. Contudo, os acontecimentos já são ditados explicitamente e não podem ser colocados em dúvida.

Essa mulher que matou os peixes infelizmente sou eu. [...] Pois logo eu matei dois peixinhos vermelhos que não fazem mal a ninguém e que não são ambiciosos: só querem mesmo é viver. [...] Não tenho coragem ainda de contar agora mesmo como aconteceu. Mas prometo que no fim deste livro contarei e vocês, que vão ler essa história triste, me perdoarão ou não (LISPECTOR, 1983, p. 7).

Segundo Humberto Eco (2003), a leitura das obras literárias nos obriga a um empreendimento de fidelidade, assim como de respeito na liberdade de interpretação. O crítico literário observa que no mundo dos livros há enunciações que permanecerão como verdade e nunca poderão ser contrapostas, análise concluída a partir do contraste entre as proposições que são ditas na literatura e àquelas em relação ao mundo.

Como exemplo, os questionamentos que há no âmbito da religião, em que há pessoas que defendem a imagem de Jesus como o ideal de fé, outros que contestam se Jesus é filho de Deus, e como Eco também aponta, àqueles que entendem que o Messias ainda nem veio. Contudo, no mundo literário, não há como haver contradições em torno da proposição de que a personagem Chapeuzinho Vermelho fora devorada pelo lobo e depois, libertada pelo caçador, ou ainda, que Sherlock Holmes fosse solteiro, isso por que:

Os textos literários não somente dizem explicitamente aquilo que nunca poderemos colocar em dúvida mas, à diferença do mundo, assinalam com soberana autoridade àquilo que neles deve ser assumido como relevante e aquilo que não podemos tomar como ponto de partida para interpretações livres. [...] o mundo da literatura é tal que nos inspira a confiança de que algumas proposições não podem ser postas em dúvida; que ele nos oferece, portanto, um modelo imaginário tanto quanto se quiser, de verdade (ECO, 2003, p. 13 -14).

Os contos já feitos, conforme o teórico conclui, são bons porque “nos ensinam a também a morrer. [...] Creio que esta Educação ao Fado e à morte é uma das principais funções da literatura” (ECO, 2003, p. 21).

Em muitas narrativas do universo da literatura infanto-juvenil, o enredo possibilitaria uma construção literária capaz de adquirir contornos mágicos, tais como ocorrem nos contos de fadas, em que princesas são salvas por príncipes e as bruxas más têm como destino certo as consequências de suas atrocidades.

No contexto em que se insere *A mulher que matou os peixes*, percebemos que a ligação com o público-alvo se dá de forma oposta. O leitor é colocado em diálogo com o

narrador, exigindo dele um posicionamento diante dos acontecimentos, uma vez que já nas primeiras linhas lhe é incumbida a tarefa de perdoar ou não o narrador ao final da história, pela morte dos peixinhos. “Não tenho coragem ainda de contar agora mesmo como aconteceu. Mas prometo que no fim deste livro contarei e vocês, que vão ler essa história triste, me perdoarão ou não. [...] Estou com esperança de que, no fim do livro, vocês já me conheçam melhor e me deem o perdão que eu peço a propósito da morte de dois vermelhinhos” (LISPECTOR, 1983, p. 7).

É certo que lidar com a morte, geralmente, causa estranheza, já que evidencia o fim de todas as coisas para aquele que parte e traz ao mesmo tempo, a incerteza e o desamparo para os que são próximos e terão que permanecer com a ausência de quem morreu. Alguns se amparam na religião, outros na ausência de crenças; há quem procure refutar os pensamentos acerca do assunto, inclusive envolvendo as crianças numa abstração em que normalmente criam-se histórias para afastá-las dessa realidade.

Muitas crianças, diante da morte de alguém próxima são informadas apenas de que a pessoa fora a uma longa viagem e isso é dado como o bastante. Segundo a psiquiatra suíço-americana, Elisabeth Kübler-Ross, uma das mais citadas sobre a questão terminal da vida, o morrer e o luto: “A morte é encarada como tabu, onde os debates sobre ela são considerados mórbidos, e as crianças afastadas sob pretexto de que seria ‘demais’ para elas. Costumam ser mandadas para a casa de parentes, levando consigo muitas vezes mentiras não-convincentes de que ‘mamãe foi fazer uma longa viagem’ ou outras histórias incríveis” (KUBLER-ROSS, 2000, p. 18, grifo do autor).

Em *O Homem Diante da Morte*, Morin (1988, p. 30) afirma que todos têm horror à morte, mesmo os selvagens e as crianças; “[...] uma menina de quatro anos chorou durante vinte e quatro horas quando lhe disseram que todos os seres vivos tinham que morrer. Só a promessa solene feita por sua mãe de que ela, a criança, não morreria a conseguiu acalmar”.

Assim, apresenta-se um dos importantes papéis da literatura retomando a afirmativa de Umberto Eco ao analisar que os textos literários nos ensinam a lidar com fatos complexos. O que também se pode acrescentar à ideia de papel humanizador apontado por Antônio Cândido (1989, p. 22), em que é caracterizada a humanização como o processo que confirma no homem aqueles traços que reputam os essenciais, como o exercício da reflexão, a aquisição do saber, a boa disposição para com o próximo, o

afinamento das emoções, a capacidade de penetrar nos problemas da vida, o senso da beleza, a percepção da complexidade do mundo e dos seres, o cultivo do humor.

O texto de Clarice Lispector vai ao encontro dessa perspectiva, no sentido de que se pode notar que a narração não infantiliza ou afugenta a realidade. Os assuntos são tratados de forma realística, sem perder de vista que o leitor é uma criança e, por isso, trabalha-se com uma linguagem elaborada para tal e, ao mesmo tempo sem afastá-la do real, o que é feito através de um discurso em que se percebe o respeito do adulto pela criança e a troca de experiências através de um diálogo concreto, numa perspectiva de não infantilização dos temas.

Uma das mortes que ganha destaque na narrativa é a de Lisete, um dos animais que a narradora divide na parte dos animais que convidamos a conviver conosco. Sendo animal que a narradora convidara à sua casa, Lisete era muito amada por todos e, por isso, quando souberam que ela estava muito doente e com risco de morte ficaram todos bastante tristes, a narradora e todos de sua casa. “Ficamos muito assustados porque já amávamos Lisete e sua carinha de mulher. Ah, meu Deus, como nós gostávamos de Lisete! Enrolei Lisete num guardanapo e fomos de táxi correndo para um hospital de bichos. [...] Antes de dormir, eu pedi a Deus para salvar Lisete. No dia seguinte o veterinário telefonou avisando que Lisete tinha morrido durante a noite” (LISPECTOR, 1983, p. 17).

Além da morte da macaquinha Lisete, outros momentos são capazes de comover, como a separação entre a narradora e seus dois cachorros que ela muito gostava. Uma delas, a história que a separou de Dilermando: “É que eu tinha de ir embora da Itália. [...] Então escolhi uma moça muito boa para cuidar dele. Na hora de me despedir dele, fiquei tão triste que chorei. E Dilermando também chorou” (LISPECTOR, 1983, p. 14).

A outra, a de Jack, um cachorro que latia muito e incomodava os vizinhos. Um deles ameaçou matar Jack: “O vizinho estava muito zangado, e eu vi que ele mataria mesmo. Para salvar a vida de Jack, demos ele a uma família muito boa que morava num sítio e onde Jack podia latir à vontade” (LISPECTOR, 1983, p. 14).

As histórias narradas podem ser capazes de comover, porque no espaço do universo da literatura elegemos personagens e situações como modelos de vida. Há uma fantasia expressa no livro que estabelece total vínculo com a realidade que se vivencia na vida real. A perda, por exemplo, é tema constante em *A mulher que matou os peixes*. “É por isso que podemos realmente nos comover pensando na morte de uma pessoa que

amamos, ou sentir reações físicas imaginando ter com ela uma relação erótica, e igualmente, por processo de identificação e projeção [...] como aconteceu a algumas gerações, sermos levados ao suicídio pelas desventuras de Werther (ECO, 2003, p. 17).

A função dos textos imodificáveis é precisamente esta: “contra qualquer desejo de mudar o destino, eles nos fazem tocar com os dedos a impossibilidade de mudá-lo. E assim fazendo, qualquer que seja a história que estejam contando, contam também a nossa, e por isso, nós os lemos e os amamos. (ECO, 2003, p. 21)

Nos textos literários pode-se vivenciar, por meio das ações das personagens, situações que não é possível experimentar na vida real. Nessa perspectiva, auxilia o ser humano a refletir e ter consciência da morte, na medida em que há identificação com uma personagem e sente-se junto com a estória, as diferentes situações de perda e de morte.

Edgar Morin (1988) entende que por meio da literatura, a morte que é com frequência mascarada, nas obras literárias ganha evidência e marca o trabalho de vários escritores, como Barrès, Loti, Maeterlink, Mallarmé e Rilke, que por ela tiveram atração. “O espectro da morte assediara a literatura. A morte, até então mais ou menos envolta nos temas mágicos que a exorcizavam, ou recolhida na participação estética, ou camuflada sob o véu da decência, aparece nua” (MORIN, 1988, p. 266).

O psicanalista Bruno Bettelheim analisa que a abordagem da temática da morte em textos literários infanto-juvenis é necessária, entretanto, as narrativas modernas evitam-na, mesmo sendo fundamental à formação da criança. Importantes porque fazem uso de uma linguagem especial, figurada, plurissignificativa, possibilitando um contato diferenciado com as crianças que podem melhor compreender as situações-problema, por meio das narrativas.

A criança necessita muito particularmente que lhe sejam dadas sugestões em forma simbólica sobre a forma como ela pode lidar com estas questões e crescer a salvo para a maturidade. As histórias "fora de perigo" não mencionam nem a morte nem o envelhecimento, os limites de nossa existência, nem o desejo pela vida eterna. O conto de fadas, em contraste, confronta a criança honestamente com os predicamentos humanos básicos (BETTELHEIM, 2002, p. 14).

A mulher que matou os peixes traz um imaginário de verdade ao passo que muitos leitores podem se identificar com as situações narradas pela narradora-personagem. Ao ver representada a morte, perda e separação na ficção, o ser humano é capaz de projetar-se naquela vivência e no momento em que não pode mudar o destino dos personagens, o leitor vê-se obrigado a lidar com a frustração e percebe as ocorrências que intercorrem além dos seus desejos, bem como acontece na vida real.

Considerações finais

Se de um lado parece que uma obra literária é aberta a interpretações distintas e soa um tom de liberdade interpretativa, dado que oferece um texto com muitos planos de leitura e apresenta histórias no papel que nos colocam diante de situações que são vivenciadas na vida, de outro, evidencia que há textos que são imodificáveis, que não estão propensos a permitir que o leitor altere o percurso de proposições e o obriga a lidar e encarar situações que sobrepõe o desejo de quem o lê.

Certamente, em *A mulher que matou os peixes*, o leitor tem participação ativa e a tríade autor-obra-leitor é bastante fortalecida. Isso pela ocorrência do constante diálogo que se estabelece entre narrador e leitor, inclusive incumbindo-lhe a tarefa de perdoar ou não a narradora que se descuidou e matou os peixinhos.

Outrossim, as proposições de morte dos animais na história são imodificáveis e bem evidentes. Assim, quando as histórias infantis trazem a magia de sobrepor o destino e esquivar-se da morte, a leitura permite uma zona de conforto mais ampla e podemos desviar mais um pouco da “indesejada da gente”, como diria Mário Quintana. No entanto, na obra de Clarice Lispector, o leitor é levado a compreender que os peixinhos morreram porque a narradora se descuidou e não há como reavivá-los.

A narrativa, por meio do imaginário, tece proposições da vida real e nos coloca diante de um mundo fechado, em que circunstâncias e acontecimentos são muitas vezes inevitáveis e é preciso aceitá-los, tais quais as separações e as mortes que vão se desencadeando na vida dos animais que estão no livro e na vida da narradora, mas que da mesma forma, também ocorrem na vida real.

Referências

ADORNO, Theodor. *Notas de Literatura I*. Trad. Jorge de Almeida. SP: Duas Cidades, 2003.

BETTELHEIM, Bruno. *A Psicanálise dos Contos de Fadas*. 16 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

BLANCHOT, Maurice. *O espaço literário*. Tradução de Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Rocco, 1987.

CANDIDO, Antonio. *Vários Escritores*. SP: Duas Cidades, 1977.

_____. “O direito à Literatura”. In: *Vários escritos*. 3 ed. revista e ampliada. São Paulo: Duas Cidades, 1995.

_____. *Literatura e Sociedade*. SP: Publifolha, 2000.

_____. *A Educação pela Noite*. SP: Ática, 2003.

ECO, Umberto. *Sobre a literatura*. RJ: Record, 2003.

KÜBLER-ROSS, Elizabeth. *Sobre a Morte e o Morrer*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

LISPECTOR, C. *A mulher que matou os peixes*. 6. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1983.

MORIN, Edgar. *O homem e a morte*. 2 ed. Lisboa: Publicações Europa-America, 1988.

PINTO, Manuel da Costa. *A vocação crítica de Antônio Candido*. Revista CULT, Edição 61. 03/2010. Disponível em: <<http://revistacult.uol.com.br/home/2010/03/vocacao-critica-de-antonio-candido/>>. Acesso em 2015.